

## Narrativas e memórias sobre o processo da musealização da imigração da Colônia Holandesa de Arapoti (2005-2021)<sup>1</sup>

### Narratives and memories about the process of musealization of immigration in the Dutch Colony of Arapoti (2005-2021)

Lorena Zomer\*

<https://orcid.org/0000-0002-3435-6756>

#### Resumo

O Museu do Imigrante Holandês de Arapoti (PR) passou por um processo de musealização pelas mãos da comunidade nos últimos 16 anos. Conta com um acervo de fotos, recortes de jornais e objetos que remetem ao tempo da chegada dos imigrantes no ano de 1960, envolvendo desde as dificuldades da viagem até aos desafios sentidos nas décadas de 1970 e de 1980. Analiso como o Museu com seu próprio espaço e tempo gera sentidos múltiplos históricos, para além daquilo que expõe e relaciona-se com a comunidade atual. A partir dessas considerações e de uma ideia de “autoridade compartilhada” busquei por meio de narrativas orais de membros compreender como percebem o processo de musealização e os sentidos representados. Tanto as cinco narrativas orais analisadas, quanto o acervo têm suas próprias linguagens e são articulados no contexto da análise histórica e da História Oral. Esta permite entender o espaço do Museu como um local de história local, de história pública, o qual constrói uma perspectiva de região, pois envolve a história de Arapoti como parte da história da comunidade holandesa, permitindo que as narrativas sejam registradas, ao passo que também geram esquecimentos.

**Palavras-chaves:** História Oral; Museu do Imigrante Holandês; Memória; História Pública.

#### Abstract

The Dutch Immigrant Museum of Arapoti has undergone a musealization process in the hands of men and women over the past 16 years. It has a collection of photos, newspaper clippings and objects that refer to the time of the arrival of immigrants in the year 1960, ranging from the difficulties of travel to the

<sup>1</sup> Este texto é resultado do projeto de pesquisa “Narrativas dos colonizadores holandeses no Paraná: a paisagem agrícola no Museu do Imigrante de Arapoti (2001-2021)”, desenvolvido como Estágio Pós-Doutoral da autora na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob a supervisão do Prof. Dr. Robson Laverdi, a quem sou grata pelo acolhimento.

\* Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa e UNIFAEL. E-mail: [lorenaazomer@hotmail.com](mailto:lorenaazomer@hotmail.com)

challenges felt in the 1970s and 1980s. I analyze how the Museum with own space and time generates multiple historical meanings, beyond what it exposes and relates to the current community. Based on these considerations and an idea of “shared authority”, I sought through oral narratives of members to understand how they perceive the process of musealization, and the meanings represented. The five oral narratives analyzed, and the collection have their own languages and are articulated in the context of historical analyses and Oral History. This allows us to understand the Museum space as a place of local history, of public history, which builds a perspective of the region, as it involves the history of Arapoti as part of the history of the Dutch community, allowing the narratives to be recorded, while also generate forgetfulness.

**Keywords:** Oral History; Dutch Immigrant Museum; Memory; Public History.

## A máquina de costurar, as narrativas orais e a musealização: uma trama

“Sabe que... todas as mulheres costuraram no início. Minha mãe, eu lembro que naquela época nós ... comprávamos ração que vinham dentro de sacos de algodão, um saco branco de 50 quilos. E aquele sacos, a minha mãe lavava eles pra sair a tinta das letras... e fazia... cortava, fazia calção, cueca aqueles de (...) criança ir para a escola, guarda-pó”.<sup>2</sup>

Fachada do Museu (1)



Máquina de costurar (2)



Fonte: Arquivo pessoal

<sup>2</sup> BORG, Jan. [Setembro de 2018]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

Como um acervo que representa o período de 1960-1980 se refere ao tempo presente da comunidade que o organizou? A ação da comunidade holandesa de Arapoti constituiu o acervo de fotografias, objetos cotidianos do lar e do campo, com o interesse inicial de compor um cenário para uma festa comemorativa do cinquentenário da colonização holandesa na cidade em 2000. Cinco anos depois iniciaram a criação e a profissionalização do Museu,<sup>3</sup> cujo nome é “Museu do Imigrante Holandês” de Arapoti,<sup>4</sup> cidade localizada no Norte do Paraná.<sup>5</sup>

Nesse texto compreendo a historicidade e a produção de sentidos da comunidade holandesa de Arapoti por meio do processo de musealização. Parto da ideia de que o tema da “imigração” evidencia a experiência do grupo em uma simbiose entre espaços físicos e/ou imaginários, compreendendo o processo de musealização do Museu do Imigrante Holandês da cidade de Arapoti como um espaço físico – e patrimonial – cujo imaginário está relacionado às práticas de memórias inseridas e percebidas naquele lugar. A musealização é percebida como uma forma voluntária de preservação de construção da memória, um recorte da realidade, um processo de escolha, por vezes arbitrário e seletivo.<sup>6</sup> Essa perspectiva envolve como as comunidades de sentido formam o espaço do Museu, unindo os caminhos migratórios, de adaptação e de percepção de si como parte da paisagem ambiental/cultural da colônia holandesa de Arapoti.

Inspirada na imagem da máquina de costurar entendo que ela representa o Museu do Imigrante Holandês de Arapoti, porque por meio deste tricota-se as memórias da Imigração e de seus desdobramentos. De quantas memórias se fazem esses fios? Por que essa comunidade organizou um Museu? As narrativas da comunidade holandesa tomam para si em parte a história de município do Arapoti, um território que não era vazio, e a torna representante de uma cultura holandesa. Com base nisso, embora essa disputa discursiva não seja o objetivo desse trabalho, é preciso mencionar parte do que era essa cidade

---

<sup>3</sup> Em maio de 2021 o Museu iniciou seu trabalho de “profissionalização” ao contratar uma empresa. Por isso, apenas parte do acervo está em exposição ou sob pedido. A meta de digitalização de todos as fontes é de cerca de dois anos.

<sup>4</sup> No texto opto por utilizar a palavra “Museu” como sinônimo de Museu do Imigrante Holandês.

<sup>5</sup> Em cerca de 115 quilômetros é possível encontrar mais duas colônias, a de Castrolanda (Castro-PR) e Carambeí (PR), as quais junto a de Arapoti são conhecidas como colônias holandesas da região dos Campos Gerais, espaço geográfico em que todas juntas mantêm diversos empreendimentos econômicos, instituições e exercem influência social e política.

<sup>6</sup> CHAGAS, Mário. Memória política e política da memória. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.90-92.

ao tempo da chegada dessas famílias, a fim de que o esquecimento não seja uma norma e o município apenas a versão construída pelo acervo do Museu.

Arapoti tem a origem de seu nome no Tupi-Guarani e significa “Campos Floridos”. Está localizada a 250 quilômetros de Curitiba e cerca de 70 km da divisa com Itararé, cidade paulista. Tem cerca de 28.480 habitantes de acordo com o censo de 2021 e foi fundada em 1955.<sup>7</sup> Segundo a linguista aplicada Ályda Zomer, entre os grupos étnicos que chegaram anteriormente havia espanhóis, portugueses, alemães, poloneses, espanhóis, ucranianos, galeses e somente em 1960 chegaram as primeiras 7 famílias vindas dos Países Baixos.<sup>8</sup> Nas narrativas dessas – e de seus descendentes – não é incomum encontrar expressões como “Arapoti era uma vila”, “não havia se desenvolvido”, “era uma cidade jovem”, frases que colaboram para entendermos como a comunidade holandesa em seu museu projeta a si mesma e a Arapoti como a região que ela desenvolveu.

Quanto à presença indígena é preciso pontuar que há reconhecimento de centenas de fontes que denunciam a presença humana antiga na região em cerca de 9000 anos. O historiador Aluizio Alfredo Carsten, em seu estudo “Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma História de povos sem História” busca argumentar que não havia um vazio nesse território como parece denunciar o silêncio de uma bibliografia em geral eurocêntrica e branca.<sup>9</sup> Sociedades tupis-guaranis, itararé, umbu, além de diversas não identificadas são apontadas como responsáveis por objetos milenares.

Nessa conjuntura retomo a perspectiva de musealização do Museu do Imigrante Holandês que se torna representante da história de Arapoti e que não é o único grupo em sua historicidade. Para Paulo Knauss, um museu é um centro de encontro de comunidades de sentido, que são formadas pelos acervos das instituições que fazem parte daqueles grupos.<sup>10</sup> Já para Myrian

<sup>7</sup> Para mais informações ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/arapoti/panorama>. Acesso em 10/05/2022.

<sup>8</sup> Tanto para essa pesquisadora, quanto para outros não há trabalho conhecido que analise com especificidade a presença anterior de indígenas nessa região, nem de outros imigrantes. Sobre estes, algumas narrativas de pessoas mais antigas trazem algumas impressões em publicações memorialistas. ZOMER, Ályda Henrietta. *Ideologias e políticas linguísticas em jogo: reflexões sobre discursos acerca de práticas comunicativas na colônia holandesa de Arapoti/PR*. Campinas, SP: 230p., 2020, p.25.

<sup>9</sup> Entre as páginas 109 a 117 de sua dissertação o historiador Aluizio Carsten detalha quais objetos foram encontrados no município de Arapoti. CARSTEN, Aluizio Alfredo. *Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma História de povos sem História*. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, PR: 132p, 2012, p.96

<sup>10</sup> KNAUSS, Paulo. Museus para se pensar o presente em perspectiva histórica. In.: CARVALHO, Bruno Leal Pastor e TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (orgs.) *História Pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

Sepulveda, os museus representam o passado em sua função de preservação histórica ao recriarem cenários e exposições, além de inspirarem a criação de novos significados para objetos que foram retirados de seu tempo e espaço original.<sup>11</sup> Assim, esses objetos representam o presente de sua comunidade – e seus esquecimentos – e, portanto, entender o processo de musealização da memória holandesa em Arapoti por meio da criação e trajetória do Museu Imigrante Holandês é compreender as diversas relações subjetivas projetadas por essa comunidade,<sup>12</sup> como parte de sua decisão de criar o seu próprio lugar de memória em 2005.

A análise da trajetória da musealização dessa memória se dá pela observação de parte de seu acervo e por meio de cinco (5) narrativas orais.<sup>13</sup> Estas colaboram para o entendimento dos sentidos atribuídos aos acervos, os quais perpassam a própria comunidade formando uma memória que entendo como pública e que trazem informações sobre a ação do grupo ao recolher e escolher peças a serem conservadas no acervo como representantes da memória da imigração em Arapoti.<sup>14</sup> Já a ideia de História Pública é entendida dentro de uma relação de quatro aspectos que se entrecruzam, como uma história que busca uma ampliação de público, realizada de forma colaborativa ou de “autoridade compartilhada”, com formas não institucionais de história e memória e que também tem seu tempo de reflexividade do campo.<sup>15</sup>

## A Colônia

A Colônia Holandesa de Arapoti está situada cerca de dois quilômetros do centro da cidade e, embora esteja próxima, mantém o seu espaço como o “da parte holandesa da cidade”. É possível dizer que após 61 anos de imigração, as relações sociais presentes na colônia por meio de suas instituições como a escola, a igreja e a cooperativa apresentam diversos símbolos referentes aos

<sup>11</sup> SEPÚLVEDA, Luciana. Parceria museu e escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, Guaraciara; MARANDINO, Marta; LEAL, Maria Cristina. *Educação e museu: A construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência*. Rio de Janeiro: Access-editora, 2003, p.100.

<sup>12</sup> Como prática costumeira “Seu” e “Dona” são como pessoas mais velhas ou por algum motivo são chamadas na região. Em respeito às práticas mantenho as expressões.

<sup>13</sup> E alguns roteiros trocados com membros e membras da diretoria que devido a viagens e à pandemia não puderam dar entrevistas.

<sup>14</sup> KNAUSS, op.cit.

<sup>15</sup> SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.28.

*brasileiros*.<sup>16</sup> Talvez, justamente pela passagem do tempo e esses muitos sinais presentes na comunidade de práticas identitárias heterogêneas é que nasceu o desejo de “guardar a memória”. Além disso, em um contexto global em que é perceptível a aceleração e fluidez do tempo, o Museu é uma luta contra o tempo e busca conquistar/manter seu público e legitimar suas memórias.

Desse modo, sendo o Museu um espaço de criação de sentidos para uma comunidade, motivo pelo qual seus acervos estão expostos, como compreender esses sentidos? Como entender as relações com outras comunidades e perceber os modos como a própria comunidade se percebe nesse Museu? Nesse sentido, é preciso considerar que a colônia em seus registros memorialistas ou nas narrativas formou-se com imigrantes que migraram para fugirem do “comunismo russo”, para adquirirem terra destinadas a seus filhos ou por condições melhores de vida, considerando o contexto pós-segunda guerra europeu.<sup>17</sup> Assim, desde o princípio é possível dizer que é uma colônia com trajetória agrícola e parte significativa das exposições e narrativas de memória presentes em relação ao Museu são também agrícolas. Do mesmo modo é – inspira Sepulveda – possível perguntar como o Museu por meio de seus acervos e suas narrativas passa a ser um espaço do presente e não do passado?

As narrativas orais colaboram para transformar o Museu em um lugar de perguntas e não de uma percepção direta de respostas, como se os objetos falassem por si só. Ao contrário, os acervos trazem diferentes temporalidades, e por isso geram narrativas diversas quando questionados por seus membros. Direcionar perguntas, inscrever peças em itinerários narrativos dentro dos processos sócio-culturais a que se referem, relacionar documentos com os acervos, e compartilhar a autoridade sobre o conhecimento do acervo permite ao Museu que ele seja vivo e do presente.<sup>18</sup>

Assim, considere algumas das fotografias,<sup>19</sup> visto que estão em análise, documentos e trouxe a narrativa de alguns de seus organizadores. As cinco narrativas orais e de memória dessa pesquisa são campos de possibilidades múltiplas, pois ao trazerem acontecimentos expressam a experiência dos depoentes e aquilo que se imagina das pessoas em uma sociedade e tempo. Como lembra Portelli trata-se do “complexo horizonte das possibilidades o

<sup>16</sup> Como são chamados os que não são membros ou nascidos na colônia.

<sup>17</sup> ZOMER, Ályda Henrietta. Narrando (re)negociações culturais: as memórias dos “holandeses” e “brasileiros” de Arapotí/PR. Campinas: SP [176p.] 2015, p.93-95

<sup>18</sup> LAVERDI, Robson 2021. *15ª Primavera dos Museus do MCG Abertura*, 20 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CtuH5Hfr2M>

<sup>19</sup> São 4759 fotos e cerca da terça parte está em exposição ou em murais nas salas de catalogação.

que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada”.<sup>20</sup> A história oral traz representatividade, pertença para o coletivo e, por isso se torna uma memória pública.

Além disso, esse museu se propõe a ser um centro de pesquisa e de educação escolar e patrimonial, ou seja, deseja ampliar seu contato com o público como reforça dona Kolsje em entrevista,<sup>21</sup> o que permite que professores e historiadores façam dele um meio de aproximação com o público, proporcionando consciência histórica e fortalecendo histórias regionais. A divulgação por meio de redes sociais (Instagram, por exemplo),<sup>22</sup> sugestões de itinerários pelo museu, podcasts, entre outros, são possibilidades que esses espaços vêm incentivando no Brasil. Em um contexto de negacionismos e de fake News é importante estabelecer diálogos que visem trazer olhares múltiplos sobre a história local. Assim, na mesma proporção em que esse Museu reforça sua perspectiva imigratória e a de um grupo referente à história local, ele também dispõe suas narrativas como públicas, o que permite trazer pontos de vista das diferentes formas de viver a vida. Um museu ou um acervo/arquivo apenas têm sentido quando vividos por seus públicos.

Com essas considerações, organizo a segunda parte do artigo, estabelecendo uma relação da história do local com as falas de entrevistadas/os, com discussões de memórias e com suas relações mais recentes com o Museu Imigrante Holandês de Arapoti. O fio que conduz o trabalho é o modo como a comunidade trama e dá sentido ao fenômeno da imigração e de sua memória em diferentes temporalidades em suas narrativas. Junto a esse objetivo, penso em perspectivas ligadas com a história pública, especialmente pela importância dos acervos do Museu para a comunidade da cidade, não apenas da colônia holandesa, isto é, como um local de compartilhamento de memórias e de histórias atravessadas por assimetrias e disputas.

---

<sup>20</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p.66.

<sup>21</sup> BRONKHORST, Kolsje. [Agosto de 2021]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

<sup>22</sup> Página do Museu do Imigrante Holandês de Arapoti no Instagram. Disponível em: [https://instagram.com/museu\\_imigranteholandese?utm\\_medium=copy\\_link](https://instagram.com/museu_imigranteholandese?utm_medium=copy_link). Acesso em 31/01/2022

## Constituição do Museu Imigrante Holandês

### *A comunidade no Museu*

*A mulher representou a perseverança, o trabalho, o cuidado com a família. Se elas não tivessem a força para enfrentar tudo isto, teria sido muito difícil os homens fazer a parte deles.*<sup>23</sup>

O excerto é da entrevista de Dona Janet, filha de imigrantes que se direcionaram primeiramente para Castrolanda (Castro-Paraná). Para ela, assim como para outros, o que dá sentido ao grupo da Colônia Holandesa de Arapoti e as suas várias gerações é a ideia de comunidade, com uma memória agrícola herdada e o reconhecimento da força das mulheres. O tom coletivo surge quando mencionada a forma como o nome do Museu foi escolhido, isto é, por meio de uma enquete pelos moradores da colônia no ano de 2005. No entanto, sua trajetória começa antes, em 2000:

Então, **naquela época Arapoti existia há 40 anos...** e organizamos então uma comemoração dos 40 anos. Uma exposição de gado. E lá foi formada uma **comissãozinha**. E o que que vamos por lá para comemorarmos os 40 anos? **“Puxa, mais coisas antigas, do início [...]** E o que tem daquele início da colonização? Foram então **catar lembranças, artigos, coisas do início da colonização**. E depois dos 40 anos, daquela festa dos 40 anos “daqui pouco são 50 anos e daí temos que recolher peças, móveis, máquinas....etc. “E como vamos fazer isso”? Então chegaram a conclusão: **vamos montar um Museu**. (grifos nossos)<sup>24</sup>

Seu Jan, um dos membros fundadores, sugere a ideia de “pouca ambição” no ato de criação do Museu, como resultado de uma escolha despropositada. Nós, historiadores, sabemos que atos comemorativos reforçam laços de memória e foram estes os suscitados no ato de preparar um *stand* sugerido por ele como “simples”, com *coisas catadas* por uma *comissãozinha*. Um ponto a destacar também é como em sua narrativa Seu Jan envolve a história de Arapoti na história da colonização a partir dos objetos como exemplares dessas memórias e trajetórias. Se a escolha por objetos e desejo por memória é mais ou menos inconsciente é difícil de estimar, no entanto, há desejo por um lembrar, por registrar a história dos imigrantes e deles mesmos, os descendentes.

<sup>23</sup> BOSCH, Janet. [Março de 2021]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

<sup>24</sup> BORG, op.cit.



O espaço de três hectares e meio se encontra no bairro que é conhecido como *Centrum* da Colônia Holandesa de Arapoti. O local escolhido para abrigar a primeira coleção foi o antigo prédio de recebimento de leite da “Cooperativa Central de Laticínios”, próximo à Igreja, ao colégio e à antiga igreja, utilizada atualmente como anfiteatro. É nestes lugares que as sociabilidades baseadas em heterogeneidades ganham e dão sentido à essa colônia holandesa. Os membros que compõe a diretoria do museu têm olhares diferentes sobre o processo e a participação na imigração, ou seja, chegaram à colônia, ou fazem parte dela de maneiras diversas, em geral na condição de crianças/jovens e/ou em um tempo posterior a 1960, como dona Janet acima.

Seu Frederik, diferente da maioria dos entrevistados, veio jovem da Holanda. Quando o questionei sobre o interesse em criar e manter um museu na colônia, ele respondeu:

Eu posso dizer, porque o motivo foi que a gente queria também preservar um pouco a história, para as gerações futuras [pensativo] Que eles, éh: possam ver e saber, se quiserem pelo menos, né? Se interessarem, um pouco da história da colônia... dos holandeses daqui de Arapoti. Em 2010 ele foi inaugurado, por um grupo de sócio fundadores, mas o dinheiro veio de antes, de outras pessoas desde o ano de 2000 [refere-se à comemoração dos 40 anos de Capal e da Imigração].<sup>25</sup>

A preocupação em legitimar uma narrativa é perceptível e denuncia, ao mesmo tempo, o quanto as gerações são diferentes, como sugere a expressão *se quiserem pelo menos*. Neste sentido, a vivência contemporânea das gerações mais novas, a língua pouco falada entre os mais jovens,<sup>26</sup> o fato de muitos não residirem mais em Arapoti ou de terem profissões que se diferem daquelas que se aproximam do mundo agrícola, talvez ocasione um distanciamento ou demonstrem uma necessidade “menor” de se preservar essa memória.

Seu Frederik frisa a comemoração do ano de 2000 como o ano de início da organização do Museu, sob a liderança da Fundação da Cooperativa Agrícola de Arapoti. O dinheiro para a compra do espaço do Museu em 2005 começou a ser angariado ainda em 2000.<sup>27</sup> Durante a entrevista em setembro de 2018, seu Frederik apresentou as duas primeiras exposições centrais, que representam a

<sup>25</sup> KOK, op.cit.

<sup>26</sup> A dissertação de Ályda Zomer discute a renegociação cultural e as práticas linguísticas entre “brasileiros e holandeses”. Para mais informações ver: ZOMER, Ályda Henrietta. *Narrando...* op.cit. p.24-42.

<sup>27</sup> Segundo Seu Jan, o valor pago foi o de 35 mil dólares, divididos em cinco anos (BORG, op.cit.)

viagem, os primeiros lares dos imigrantes e a fundação da CERAL.<sup>28</sup> Dias depois, encontrei-me novamente no Museu com Jan e Kolsje, ambos membros da diretoria do Museu desde 2005. Seu Jan, holandês, mudou-se para o Brasil com 7 anos e para Arapoti em 1977. Durante a entrevista eu perguntei sobre o seu processo de mudança para Arapoti e as transformações causadas na cidade:

Em Castrolanda, os colonos são todos (eh) foi tão organizado que na Holanda eles já pediram eh candidatos dos quatro províncias nordestinos da Holanda... pessoa da mesma igreja e pessoal com uma certa capacidade de financeiro [...] Então, **Castrolanda é uma colônia muito homogêneo** com os imigrantes... E Arapoti tentaram fazer do mesmo jeito, mas 1960 em diante na Holanda as condições de vida eram bem melhor já e aquela pressão para emigrar já não havia mais. Então aqui, para Arapoti abriram condições para a Holanda inteira, porque eles aceitavam candidatos da Holanda inteira para vir até aqui **Arapoti... E... então isso aí formou um grupo menos homogêneo**, mais heterogêneo [...]. Um grupo mais misto, **aqui tem mais outras opiniões**. Então quando eu vim aqui... **Em Castrolanda nós éramos muito unidos, mas havia muito auto-controle... Em Arapoti eu me senti mais livre...** (grifos nossos).<sup>29</sup>

Arapoti é apontada por seu Jan como destino de uma emigração voluntária, com diversidade cultural, religiosa e de famílias mais jovens. Esses são elementos escolhidos na narrativa de Seu Jan, para representar como ele atribuiu significado à sua experiência como imigrante e sentidos a ela. É preciso considerar que segundo a pesquisa de Ályda Zomer, para os pioneiros e pioneiras as consequências da segunda guerra ainda eram condicionantes para esse processo, perspectiva diferente narrada por seu Jan. Dona Kolsje também fez considerações sobre a colônia de Arapoti:

[...] De início o que se percebe na colônia é bastante **união**. As pessoas fazem bastantes **coisas juntos** que veio de um país e uma cultura muito diferente e...e sempre se encontram. É mais o **calor da comunidade** que abraça todos. Quando você mora aqui por mais tempo, você enxerga que dentro daquele calor humano, vamos dizer, também tem uma parte de **controle social** de... todo, né? As pessoas que querem que você faz tudo ou pense igual a você... E eu percebi que a maneira de pensar aqui era bem mais **conservador e fechado que o meu. O meu visão**

<sup>28</sup> Companhia de Energia Elétrica Rural de Arapoti.

<sup>29</sup> BORG, op.cit.

do mundo já era bem mais amplo, bem mais... hum, que você enxerga tudo e que você incorpora mais coisas de fora, né?... que coisas aqui na igreja, etc., eles ainda se preocupavam muito “nossa, como pode ser isso...” Para mim já era a normalidade. Por que será que eles fazem tanto problema? E no outro lado eu percebi que eles tinham muito **resistência à parte cultural brasileiro**. Os discussões no início da (na) igreja sobre culto em português...Eles fizeram até... Eles até contaram os minutos que os pastores *tavam* fazendo pregação em português ou em holandês “O pregação em português é muito mais comprido que o holandês” Nossa, eu pensei, gente, vocês migraram para cá e essas são as consequências e vocês não querem ver, não querem enxergar que são consequências... Talvez são consequências que vocês não perceberam antes de emigrar – e tudo bem – **mas, vocês têm que aceitar** (grifos nossos).<sup>30</sup>

Haver uma indicação de uma homogeneidade sugere que há uma política de identidade. Apesar disso, esse tipo de ação demonstra como há negociações nas diferenças e igualdades, como dona Kolsje evidencia quando ressalta “para mim já era a normalidade. Por que será que eles fazem tanto problema. E no outro lado eu percebi que eles tinham muito resistência à parte cultural brasileiro”. Dona Kolsje, que chegou à colônia em 1981 e casou-se com um imigrante que chegou ao Brasil criança em 1960, também ressalta a ideia de união e de comunidade um primeiro momento. Em sua percepção, esse grupo encontrado era “conservador” nos costumes, mais “reservado” e com práticas identitárias que os diferenciavam de sua realidade. Já para Seu Jan Arapoti se mostrava mais aberta a algo “novo”.

De qualquer forma, com o tempo ambos passam a fazer parte dessa comunidade, ideia reforçada por dona Kolsje quando ela destaca que eles deveriam aceitar as diferenças, afinal uma comunidade não seria sinônimo de homogeneidade, mas de diversidade que se une. Assim, o que se percebe é que há instituições e políticas de identidade que permeiam esses elos da comunidade e que definem quais seriam as práticas identitárias, como escola, igreja, modalidades esportivas e, em última instância, também o Museu. No caso de Dona Kolsje, ela se refere especialmente aos casamentos ocorridos a partir dos anos de 1980, visto que antes não eram bem recebidos por parte da comunidade. Além disso, em seu entendimento ter cultos religiosos em ambas

<sup>30</sup> BRONKHORST, Kolsje. [setembro de 2018]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

as línguas deveria ser algo comum.<sup>31</sup> Já Dona Janet, quando a questioneei sobre qual era a sua relação com as fotos e o acervo, ela respondeu:

A história deles na imigração. O meu pai veio *junto* com os primeiros colonos de Arapoti em 1960, mas foi morar em Castrolanda, onde minha mãe já morava desde 1953. Então, tudo que envolve o início faz parte da história da minha família. Eu, pessoalmente, já lembro mais da década de 70, **mas me identifico com o início da história, pois, faz parte da vida deles e das lembranças e histórias que nos contavam** (grifos nossos).<sup>32</sup>

Dona Janet frisa a ideia de uma memória partilhada e herdada. Sobre isso, Michel Pollak nos lembra que a memória, individual e/ou coletiva, é constituída por elementos comuns envolvendo acontecimentos, lugares etc. No caso de memórias herdadas, estas são aquelas não vividas, como podem ser as histórias de família narradas tantas vezes que parecem ser vividas “por tabela”, a ponto de gerar identificação. Ao mesmo tempo essas memórias podem gerar percepções em que as ouve ou reproduz de naturalidade, de verdade e, em relação ao tema desse artigo, constatação de que são uma comunidade, que as memórias, as instituições, as práticas linguísticas ou culturais une a todos.

A memória é uma construção coletiva e reordenada com novas significações no presente,<sup>33</sup> cujos sentidos, por meio do Museu, também são os de “enquadramento da memória”. Como consequência, essas narrativas – que são também escolhas de quem narra – evidenciam a ideia de comunidade. Os três nasceram/chegaram à Arapoti depois do recorte de memória presente na primeira proposta apresentada no Museu (1960-1980), ou seja, ou não fazem parte das famílias que imigraram diretamente para Arapoti ou não eram nascidos. No entanto, a ideia de comunidade está presente neles, quando reforçam as relações com os imigrantes, a familiaridade com o tema e como ressaltam a importância desse dever de memória, mesmo quando os mais jovens parecem não se preocupar tanto, como sugerem.

É importante considerar nesse contexto que as fontes representam o que se deseja narrar em determinado momento, cujas interpretações são permeadas por subjetividades e não podem reduzir a vida desses sujeitos que narram a essas frações de tempo. Para Portelli, a subjetividade é entendida como [...] *o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado*

<sup>31</sup> Toda organização e exposição do acervo está nas duas línguas.

<sup>32</sup> BOSCH, op.cit.

<sup>33</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992, pp.202-216.

à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso [...].<sup>34</sup> Acolher a subjetividade de cada entrevista é permitir que se registrem acontecimentos que não estão nos arquivos, é dar à narrativa o seu caráter de comunicação, de passar à frente a historicidade daquele sujeito. Da *comissãozinha*, de seu Jan, ao convívio cultural pedido por dona Kolsje e às lembranças de dona Janet, todos trazem suas impressões estabelecidas dentro da comunidade, que é a representação máxima embora não homogênea daquele Museu.

Portelli permite-me considerar que essas entrevistas são narrativas que trazem experiências, subjetividades e sentidos a depender dos lugares sociais de onde falam os participantes, para além da ideia de que ora desmente ora afirma.<sup>35</sup> Tais narrativas formam parte da memória coletiva, ressignificada dentro de um contexto brasileiro político, econômico, cultural e social, de mais de 6 décadas de imigração e de relações sociais negociadas nesse município que geraram a necessidade de criar um mundo comum nos últimos 25 anos. O Museu é um espaço de elaboração da experiência, de memória referente à história que é também local, pública e de necessidade do presente e de seus contemporâneos.

Em vista disso, seja uma memória herdada, atravessada por questões geracionais ou com significações diferentes para os descendentes dos imigrantes ou daqueles que chegaram depois ou mesmo questionada para aqueles que viram os holandeses e seus descendentes se estabelecerem,<sup>36</sup> a comunidade holandesa se adaptou no município de Arapoti e fez deste município a sua região e é esse é um dos sentidos compreendidos no Museu.

### *Acervo, representação e narrativas*

Em maio de 2021, Dona Kolsje contou que o Museu havia sido aceito pelas normas de editais da Lei Rouanet e tinha iniciado uma consultoria profissional de catalogação de seu acervo e das exposições.<sup>37</sup> Antes de circular pelas exposições, Dona Kolsje compartilhou suas expectativas:

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> PORTELLI, op.cit. p.65-68.

<sup>36</sup> Discussão presente no próximo tópico.

<sup>37</sup> Esse trabalho se iniciou em meados do ano de 2021. Além da consultoria de museologia foram contratados um historiador e uma estagiária de História. Assim, mesmo que desde 2018 eu tenha estado próxima ao Museu, apenas agora esse acervo começava a ser descoberto.

Minha atuação no Museu começou em 2005, na reunião de instituição oficial do Museu, que eles queriam membros para montar a diretoria, de 10 pessoas. Então, foi *naquele* reunião que eu entrei e, desde então, *eu não* saiu mais. Eu sou membro comum e vai ficar por aí. Eu gostaria de sair, porque 16 anos é o suficiente, mas, por enquanto, agora começando a ter consultoria do museu, do museólogo, **eu resolvi ficar para acompanhar melhor o serviço e o futuro do museu... porque eu sou o membro que ficou mais tempo na diretoria** (grifos nossos).<sup>38</sup>

Ela evidencia a sua perspectiva de construção de uma memória compartilhada por sua ideia em “acompanhar o serviço”, como alguém que colabora com o processo de organização do Museu. O trabalho profissional desperta nela um questionamento: será que os museólogos e historiadores compreendem um acervo que não foi organizado por eles? Para o historiador Michael Frisch um museu deve ter a sua autoridade compartilhada na organização de seu espaço. Dar esse lugar à comunidade em uma fase de profissionalização, é romper com uma hierarquia entre as pessoas que visitam o museu e o profissional; é dar ao Museu um caráter de processo, de um trabalho baseado na confiança de ambos os lados.<sup>39</sup> Quando a comunidade a que se refere um Museu é ouvida em uma perspectiva de autoridade compartilhada, a produção de significados é ampliada.

A partilha de autoridade também colabora para que a memória se faça no presente, formando uma teia narrativa referente à comunidade e à história local. A teia nesse caso – que é o produto da máquina de costura supracitada – é resultado de fios tecidos, desmanchados (pela negociação com a comunidade), refeitos e é o elo de identificação do Museu com o seu público. Afinal, o que é um Museu sem público? Profissionalizar o mesmo, colocá-lo nas redes sociais, na rota de visitação de escolas e do turismo exige que o Museu repense suas narrativas. Estas são públicas, negociadas, exercem o seu direito de memória e de construir esse conhecimento que disputa, além de formar um mundo comum para a história local, também causando esquecimentos.

Lembro que fundar o museu e fazer a sua coleção a partir da doação de objetos pelos moradores como, maquinários antigos, roupas, malas, objetos

<sup>38</sup> BRONKHORST, op.cit., 2021.

<sup>39</sup> FRISCH: Michael. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=plcWOr22\\_TgC&pg=PR20&lpg=PR20&dq=concept+shared+authority&source=bl&ots=omsanpABjV&sig=v52PUMnyLF1qXXk2GFQe93PrTMc&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwinnJe\\_rajXAhULHpAKHXsyDQgQ6AEIazAI#v=onepage&q=concept%20shared%20auth&f=false](https://books.google.com.br/books?id=plcWOr22_TgC&pg=PR20&lpg=PR20&dq=concept+shared+authority&source=bl&ots=omsanpABjV&sig=v52PUMnyLF1qXXk2GFQe93PrTMc&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwinnJe_rajXAhULHpAKHXsyDQgQ6AEIazAI#v=onepage&q=concept%20shared%20auth&f=false) Acesso em 30/08/2021.

de casa, documentos e fotografias era o objetivo inicial de membros locais. Dona Kolsje, afirma que:

Nós começamos a montar o Museu pensando principalmente nos primeiros 20 anos da colônia. Assim, foram pedidos os objetos, as fotos para as pessoas entregaram, às vezes emprestado para nós fazermos cópias. Nós montamos ao redor de uma história, não só colocando objetos qualquer aleatória [...] Mas, fizemos um tipo de história contando quando o pessoal saiu da Holanda, quando chegou aqui, como montou a casa, as organizações sociais.<sup>40</sup>

Dona Kolsje evidencia que há um porquê das escolhas de objetos e de narrativas sobre eles, sobretudo *ao redor de uma história*. A memória individual em uma entrevista é também coletiva, visto que o trabalho está na fronteira *dos modos de ser* do indivíduo e de sua cultura.<sup>41</sup> Nesse sentido, a escolha do acervo e de seu itinerário para o Museu pode ajudar a reproduzir e construir valores culturais, ou seja, é uma prática que pode ser hegemônica e uma forma de rememoração que reforça a identidade individual ou coletiva. De acordo com as ideias de Canclini: o museu é o espaço em que se reproduz um “regime semiótico” do grupo hegemônico, é um ritual social.<sup>42</sup>

Sobre escolher as fotos, Dona Janet recorda quais temas foram selecionados por elas, como a: [...] “importância da água, evento do início da energia, a cultura e diversão daquela época, os intercâmbios de esportes com outras colônias (*Zeskamp*), igreja, escola cooperativa, a evolução da cidade de Arapoti [...]”.<sup>43</sup> Sobre estes, acrescento outros observados em minha visita: “Fábrica de queijo e entreposto de Leite; Imigração, partida e chegada em 1960; Arapoti em 1960 sem considerar a comunidade holandesa e a partir dessa data; Arapoti 2010; Capal 1960; Capal 25 anos; Capal 40 anos; Capal 50 anos; Ceral; Nova Esperança (área de terras) comprada pela CAPAL em 1986; Igreja e Escola a partir de 1960; Estradas rurais etc.

Assim, experiências pessoais ou da comunidade holandesa de Arapoti extrapolam o mundo particular da comunidade holandesa, visto que se relacionam com outras histórias da cidade de Arapoti, envolvendo gerações e

<sup>40</sup> BRONKHORST, op.cit., 2021

<sup>41</sup> DUMAS, Fernando e MAUAD, Ana Maria. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidade narrativas. IN. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p.86.

<sup>42</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora USP, 2011, p.169.

<sup>43</sup> BOSCH, op.cit.

transformações na qual eles mesmos são serem temporais e que dão sentidos a si. Portanto, de temas ligados à exploração da terra, de sobrevivência e transformação da paisagem o que se percebe é como Arapoti passa a ser vista a partir da chegada dos holandeses, desde o uso de um termo como “evolução”, até a predominância de instituições como a CAPAL.

Essa cooperativa é importante porque propicia a união e o fortalecimento econômico da comunidade holandesa. As narrativas desses descendentes com uma perspectiva etnocêntrica (ou não) e o seu direito à memória, justificam no trabalho diário e na busca pelos cultivos ideais no município o seu estabelecimento. Se uma comunidade que é agrícola por origem tem diversos elos, sejam jogos, cultos, práticas escolares e religiosas, o fortalecimento econômico em um mundo globalizado é um dos principais aspectos para que a comunidade não apenas cresça, mas se mantenha.<sup>44</sup> Portanto, organizar o acervo do Museu começando o itinerário pela exploração da terra, criação de meios de energia, de uso da água, tornando os espaços dos lares coadjuvantes é o esperado.

Desse modo, afirmo que o Museu do Imigrante Holandês tem um acervo marcadamente agrícola e que representa a sua região de Arapoti e dos Campos Gerais, bem como reforça uma memória. Para o sociólogo Pierre Bourdieu, o conceito de região ultrapassa a perspectiva geográfica e tem na linguagem e na cultura elementos que impõe controle e exemplificam a disputa entre diferentes saberes dos grupos de um espaço.<sup>45</sup> Nesse contexto, lembro que há esquecimento de outros grupos étnicos e o das sociedades originárias e, por isso, considero o conceito de região em minha análise sobre a musealização, visto que as narrativas presentes no Museu buscam construir uma memória em que as relações sociais de imigrantes, descendentes e moradores do município estão integrados ou com suas diferenças superadas. Assim, a região representada é uma realidade hegemônica que passa a se configurar como uma regionalidade, de dimensão espacial em que o fenômeno é a imigração holandesa e sua relação com a cidade/o município de Arapoti.

Com base nisso, considero as fotografias, as quais têm o recorte temporal de 1960 ao ano de 2015. Essa observação diz respeito à afirmação supracitada de Seu Frederik, a de que muitos jovens não se interessam pela memória

---

<sup>44</sup> As três cooperativas holandesas, que são: Frísia (Carambeí – PR), Castrolanda (Castro – PR) e Capal (Arapoti – PR) têm diversas unidades nessas cidades dos Campos Gerais e em outras do Paraná e São Paulo e buscam nos últimos anos um maior fortalecimento econômico entre elas, lançando novos produtos a fim de se ampliarem no mercado nacional.

<sup>45</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010, p. 116-118.



holandesa e por isso o período das fotografias foi estendido.<sup>46</sup> Tal prática evidencia o receio que qualquer comunidade pode ter: a de que a memória pode se perder. Abaixo algumas imagens trazem parte da organização desse Museu:

### 3. Exploração de água.



### 4. Estábulo e casa de ferramentas



### 5. Interior casa de ferramentas



Fonte: Arquivo Pessoal

A primeira imagem diz respeito a um exemplar de quadro do fotos “Água”, cujo objetivo é trazer representações sobre como exploraram a água naquele início.<sup>47</sup> Nesta (segunda) sala se encontra a exposição de cenários dos

<sup>46</sup> KOK, op.cit.

<sup>47</sup> Importante ressaltar que os cerca de 40 quadros de fotos estão em fase de catalogação pelos historiadores

lares e referente à chegada dos imigrantes; a primeira sala é a da Ceral (essas duas exposições ficam no prédio central).<sup>48</sup> As exposições são organizadas de acordo com a trajetória das famílias nas primeiras décadas de imigração e em um itinerário agrícola, de domínio e de exploração da terra.

As imagens quatro e cinco são de um terceiro espaço localizado atrás do Museu, no qual o intuito é mostrar como eram as primeiras instalações dos imigrantes e suas ferramentas de trabalho que permitiram a exploração da terra. Junto a esse espaço estão os que representam a escola, a Igreja Evangélica Reformada, a Capal e a primeira mercearia (essas quatro exposições dividindo duas casas). O Museu ainda conta com salas de reserva técnica, de catalogação de reunião e o espaço externo.

Com base nas imagens e nas narrativas é preciso considerar que há um tom etnocêntrico holandês de desenvolvimento da região, a partir de ferramentas trazidas ou o modo como foram utilizadas pela comunidade, ou seja, a região desenvolveu-se a partir do olhar e da capacidade transformadora da comunidade holandesa. Os esforços, testes e adaptações são inegáveis. O memorialista Edilson Lemos afirma que nos discursos oficiais sempre há dificuldade em adaptação dos grupos imigrantes e reitera no caso de Arapoti que os campos foram considerados vazios e os holandeses corajosos.<sup>49</sup> Portanto, o reforço de uma “vocação agrícola” que ecoa na memória holandesa sobre a sua chegada e transformação da sua paisagem, também promove o esquecimento dos povos que já habitavam e continuaram a conviver com essa comunidade após a sua chegada.

A despeito disso, Ályda Zomer traz divergências sobre o modo como pioneiros arapotenses classificam a chegada dos holandeses. Além do desconhecimento de terras com desníveis, da propaganda de terras altamente férteis e prontas para o cultivo, para alguns dos pioneiros de Arapoti eles trouxeram formas de cultivar a terra desconhecidas até então, como a prática de adubação, de rotação de cultura e promoveram o emprego de pessoas.<sup>50</sup> O desenvolvimento para essas narrativas é decorrente do tipo de cultivo da terra e pela empregabilidade. Ao mesmo tempo em que essas narrativas corroboram com a ideia de que havia muito “a se fazer” na terra, elas também sugerem que há uma supervalorização do que é “de fora do Brasil”. Assim, as

---

do Museu. A maioria está em uma sala de reserva técnica.

<sup>48</sup> De acordo com a sugestão do Museu o roteiro se inicia por essa sala (com centenas de objetos e páginas de jornais que exploram questões ligadas à pecuária, à agricultura e a Ceral).

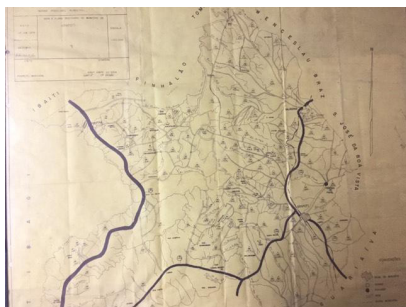
<sup>49</sup> LEMOS, EDILSON. *CAPAL 50 anos de história*. Ponta Grossa-PR: Quero Quero, 2010, p.12-13.

<sup>50</sup> ZOMER, Ályda Henrietta. *Narrando...* op.cit. p.102-104.

narrativas de pioneiros brasileiros negociam as memórias sobre a chegada da comunidade holandesa em Arapoti, embora haja um reconhecimento de que ela trouxe inovações e crescimento para aquele período.

Para além das transformações de paisagem e de socialização internas/externas da comunidade, há documentos, fotos e mapas que trazem histórias da cidade e de alguns grupos relacionados à trajetória holandesa, como essas abaixo:<sup>51</sup>

6. Mapa de 1974 do município de Arapoti      7. Foto de Romana Duarte de Camargo



Fonte: Arquivo pessoal

O mapa evidencia os limites da cidade, os espaços conquistados pelos imigrantes. Considerar essa fonte é também perceber a importância da noção temporal baseada na natureza, já que os imigrantes entendem suas memórias dentro de uma perspectiva “agrícola”, tal como as exposições e, portanto, a transformação geográfica e do espaço é como atribuem sentidos a si.

Da mesma forma, a foto de Romana Duarte de Camargo, a que construiu a casa mais antiga de Arapoti, também se encontra na sessão de fotos sobre a cidade no ano de 1960, quando chegaram os primeiros imigrantes holandeses, mas não estão presentes os caboclos, trabalhadores rurais, donos dos pequenos sítios etc. Dona Romana Camargo é reconhecida como uma senhora importante, de família tradicional, ou seja, embora o Museu envolva a sua memória em sua trama, ainda é uma seleção que causa esquecimentos importantes. Pensar essa organização implica ter uma miríade de diferenças e considerar que a sociedade não é uma rede geométrica.

<sup>51</sup> Boa parte do acervo de fotos encontra-se em fase de análise, de catalogação e de pesquisa há mais de um ano e por isso não está em local adequado para fazer reproduções.

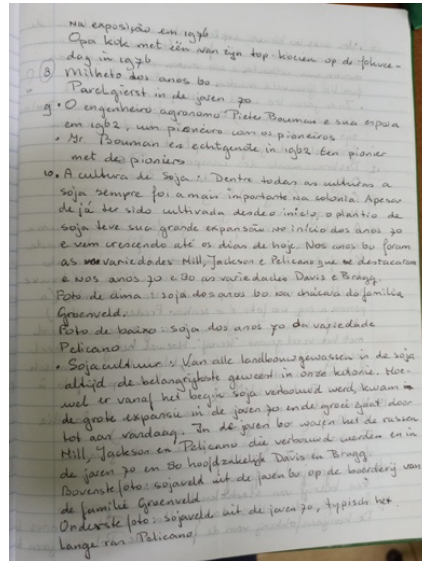
Todos os sujeitos de uma comunidade têm diferenças entre si, um museólogo e/ou um historiador de fora mais ainda, por isso a importância de uma autoridade compartilhada. E, dessa forma, cabe a nós, historiadores, lembrar que a memória é um objeto da história, em suas formas individuais e as coletivas. A individual é “codividida” e seu papel social é redefinido de acordo com os processos sociais; a memória social está ligada ao princípio de comunidade. Nesta também estão as disputas sobre o passado e as condições de rememoração, a fim de dar sentido às experiências coletivas. Assim, é preciso considerar a geração, questões de gênero etc., visto que estas dão complexidade ao conjunto de representações de sujeitos que partilham experiências. Para além da idade, o que define geração é a experiência social compartilhada, que gera narrativas sobre o vivido, inclusive as memórias que são herdadas e resinificadas em processos de rememoração.

A autoridade compartilhada aliada à construção da memória coletiva é considerada pelo fato de pessoas, como Dona Kolsje, serem responsáveis pelo material de catalogação,<sup>52</sup> como aponto a seguir:

6. Caixas onde estão cadernos descritivos, divididos por exposição, salas e temas.

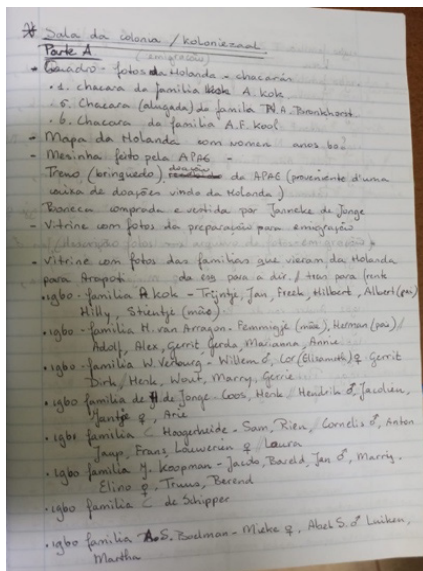


7. Descrição de fotos relacionadas à agricultura



<sup>52</sup> Ainda em fase de análise, mas segundo a estagiária Gabriela Martins e o historiador Osvaldo Matos Neto, o trabalho deles tornou-se mais fácil pela catalogação que elas fizeram anteriormente.

## 8. Descrição de parte da sala Colônia.



Fonte: Arquivo Pessoal

O que é possível perceber é que essas mulheres foram responsáveis pelo recolhimento de fotos, pela organização, mapeamento e identificação de todos os objetos, mapas, documentos do Museu, registrando em cadernos escritos ou folhas impressas e encadernadas.

No que diz respeito aos tratadores também registrados por elas, é pertinente considerar uma ideia de Seu Jan ao ser questionado sobre o que pensava acerca da escolha dos tratores:

O que eu digo é que tem máquinas até 1970, 1980 talvez tá lá. Eu não saberia o que colocar mais lá, porque daí já não representa mais *aquele* época... E não acho que é o tipo, eu não consigo achar mais uma coisa típica pra... pra aquele tempo. Depois, o desenvolvimento foi tão rápido e **misturamos muito o velho com o novo, o novo com o velho**. Então eu não saberia bem *isso aí é daquele tempo, ou daquele tempo [...]* **Pra gente mais novo muitas vezes “não, esse aqui foi o primeiro máquina que eu trabalhei”**. Então para ele tem esse valor.<sup>53</sup>

<sup>53</sup> BORG, op.cit.

Seu Jan evidencia um conflito sobre a composição do acervo dos tratores. Além de não saber o que representaria melhor um contexto, diferente de quando chegou à Arapotí, ele percebe que a compreensão de sua temporalidade é diversa para membros mais novos, que veem tratores como antigos, enquanto para ele são novos. De qualquer forma, é uma identificação sentida de formas diferentes por essas pessoas, mesmo em um espaço museal com um recorte temporal “antigo”. A narrativa de Seu Jan resinifica a relação dele com o Museu e com outras gerações da própria *colônia*. Isso demonstra que a memória social em seus processos de rememoração pode enfatizar uma experiência social compartilhada ou não – dentro de uma perspectiva de enquadramento de memória.

Assim, da mesma forma como Seu Jan, em sua narrativa sobre a composição do acervo de tratores mostra-se como representado no Museu, ele também o faz quando menciona o trabalho que sua mãe desenvolvia na máquina de costurar. Ele permite que mais um fio da narrativa seja tecido nessa memória. A experiência de Seu Jan (entre outros) é resinificada no presente cujo mundo vivido é pré-reflexivo e a interpretação deste se dá junto à historicidade da sua própria experiência.<sup>54</sup>

Para a análise histórica permanece a ideia de que os sentidos atribuídos pelos sujeitos à vida que vivem/viveram trazem dimensões diferentes sobre a sua experiência e longe de ser um processo unilateral.<sup>55</sup> Para a arqueóloga Chris Tilley aquilo que olhamos causa efeito sobre nós e na percepção que temos. Há uma tendência em se pensar em unidade entre o que se olha e o quem/o quê/quando/onde e o porquê olha. O ato de perceber o mundo vincula o sujeito ao todo do qual ele(a) faz parte<sup>56</sup>.

Em um primeiro momento, portanto, os bens culturais (de patrimônio a objetos) recebem a identidade que os seus grupos sociais lhe impõem, formando uma cultura entendida como os modos de vida, de transmissão e de apreensão das pessoas que podem ser agrupados por um conjunto de valores e de ritos. Mas, mesmo que um objeto represente uma pessoa ou outra, a composição social da memória permite que novas relações com ele sejam traçadas, desde que haja um compartilhamento dessas narrativas. Nesse sentido, uma máquina de costura, um trator, não são apenas objetos em um Museu ou os

<sup>54</sup> BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. In *Rev. Bras. De Hist.* São Paulo, v. 17, n. 33, 1997, pp. 293-305.

<sup>55</sup> *Idem*.

<sup>56</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. In: *Vestígios* (Revista latino-americana de Arqueologia Histórica): Belo Horizonte, 2014, Volume 8. Número 1. p.41.

mesmos escolhidos por uma *comissãozinha* em 2005, visto que eles podem alterar o modo como as pessoas se percebem e como podem resinificar o próprio objeto. Trata-se de uma reciprocidade entre o Museu e o eu/outros<sup>57</sup>, entre o local/regional, o modo como Arapoti se torna uma referência para o espaço museal.

Nesse sentido, é possível considerar as narrativas e a historicidade das experiências, como as que as pessoas entrevistadas expõem, a exemplo: “não sabemos como organizar”, “são lembranças da minha família”, “são lembranças do meu marido”; elas demonstram a criação de narrativas de uma memória em que ao olhar o acervo no Museu, com o tempo, este passa a fazer parte de suas memórias, estabelecendo teias de memórias compartilhadas.

Nesse sentido, Waldisa Guarnieri traz a perspectiva da tríade (espaço, objeto e ser) do fato museal, em que o espaço assume seu caráter de lugar de memória a partir da materialidade e da representação dos elementos que o compõe.<sup>58</sup> Os objetos, por sua vez, são os meios de percepção e de representação de si, que leva ao terceiro elemento, o ser (visitante ou não) que se vê como sujeito e que dá sentido ao espaço. Assim, pondero algo importante: se o Museu, em um primeiro momento, buscava dar sentido à imigração dos anos de 1960, uma de seus desdobramentos era dar lugar também aos seus descendentes, afinal estes também buscavam ter a sua historicidade lembrada. Por isso a importância das fotografias recentes.

A fotografia, segundo Dumas e Mauad, registra as instituições e agências sociais.<sup>59</sup> As fotografias são uma forma das gerações mais novas encontrarem o seu lugar e de se observarem diante do (de)encontro de momentos tão diferentes. A escolha dessas fotografias se dá sob três instituições principais: a escola, a igreja e a cooperativa, o que forma um conjunto de símbolos organizados que representam a comunidade, ao tempo em que podem ser resinificados e questionados. Nessas representações se incluem parte das atividades selecionadas do grupo, seja em família ou no coletivo. Abaixo, algumas imagens que evidenciam práticas diversas às da imigração:

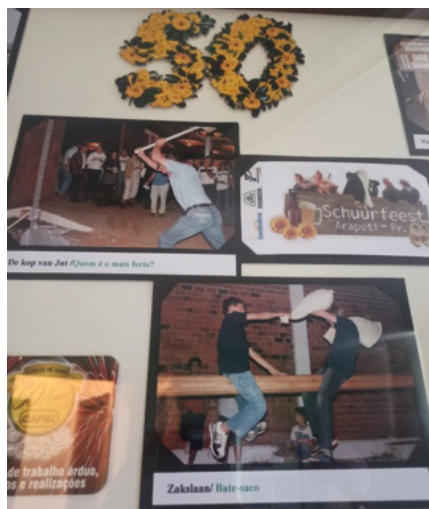
---

<sup>57</sup> *Ibidem*, p.42.

<sup>58</sup> GUARNIERI, Waldisa R. Camargo. Sistema da Museologia. In: BRUNO, Maria Cristina. IPHAN. *Caderno de diretrizes museológicas*. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

<sup>59</sup> DUMAS, Fernando e MAUAD, Ana Maria, *op.cit.*, p.80-90

9. 50 anos de Imigração (2010)



10. Zeskamp 1995



(arquivo pessoal)

Na primeira, vemos o símbolo do Zeskamp, jogos que ocorrem anualmente em uma das colônias holandesas do Brasil, cujo objetivo é fortalecer com esses descendentes as práticas culturais identitárias holandesas. Na foto 10, o símbolo dos jogos e pessoas participando, bem como há outras fotos que mencionam acontecimentos anteriores relacionados ao Zeskamp.<sup>60</sup> Na segunda foto, é possível perceber a comemoração dos 50 anos da imigração e da Fundação da cooperativa. Em ambas, há interações entre as comunidades de descendentes de diversas formas. Assim, as fotos são objetos que provocam também percepção de si no sentido exposto por Tilley, ao serem contempladas em um espaço museal em que o sujeito encontra e forja novos sentidos.

O que há em comum entre as gerações? Uma parte significativa é a igreja, os jogos, a escola e a cooperativa, mesmo com suas diferenças de classe, de gênero, sociais. Nesses espaços comuns de socialização, os valores estão ligados à instituição familiar ou até mesmo religiosa, cujo objetivo é reforçar

<sup>60</sup> Encontro anual das seis colônias holandesas do Brasil com a intenção de praticarem jogos e de confraternizar, sendo elas: Holambra I (SP), Holambra II (SP), Castrolanda (PR), Arapoti (PR), Carambéi (PR) e Não-Me-Toque (RS).



a construção das práticas identitárias e de uma história local, aliada aos processos de rememoração e de como a comunidade se percebe. O Museu também se transforma em um espaço de socialização como demonstram as práticas de sua organização em manter dias para o encontro da comunidade,<sup>61</sup> além da divulgação do trabalho para escolas e para o turismo. A confiança em buscar uma equipe de profissionalização sugere o interesse em reforçar a perspectiva memorialista do grupo. O Museu assume assim seu lugar geográfico, temporal e de percepção identitária, ampliando a perspectiva relacional inicial entre ele e a comunidade.

### **Considerações sobre um Museu que intensifica sua trama – e suas memórias**

Parte das análises e sentidos discutidos vieram de afirmações e de subjetividades das entrevistas. O narrar é uma vontade de contar, de acrescentar à história local aquilo que é peculiar à comunidade. Para além das disputas de memória, dos esquecimentos, a História Oral permite que narrativas não oficiais ou aquelas pouco conhecidas de cidades mais remotas também façam parte da historiografia.

Compreendo que o tempo e a narrativa histórica se constroem por intermédio da própria narrativa. Considerar as narrativas é perceber que os sujeitos se constituem entre as memórias da imigração e da interpretação, permeadas por diferentes noções de tempo e de esquecimentos.<sup>62</sup> A história local que faz parte das memórias do Museu quando difundida permite a nomeação e a transmissão da experiência dessas pessoas, ocasionando elos sociais/culturais com outros grupos, ou seja, “um mundo comum, um mundo entre um espaço de pensamento e elaboração da experiência que não é a contraposição de duas perspectivas, mas a possibilidade de construção deste espaço entre, compartilhamento, para que se efetive a transmissão”.<sup>63</sup>

O Museu também é parte constitutiva de muitas pessoas, seus objetos viajaram, foram comprados e, principalmente, usados por inúmeras gerações, para além daquelas que estão envolvidas com o museu, como representa a memória de Seu Jan sobre a máquina de costurar e as tramas de sua mãe. No

<sup>61</sup> Esses encontros ocorrem aos sábados e são divulgados na página do Museu.

<sup>62</sup> BARBOSA, op.cit. p.294

<sup>63</sup> BARROS, Joana S.; CÔRTE, Andrea T.; HADLER, Maria Silvia D.; KOBELINSKI, Michel; LIMA, Lívia M. Garcia; ROVAI, Marta G. de Oliveira. Como fazer a história local se tornar pública, e para quem? IN: ALMEIDA, Juniele R, e RODRIGUES, Rogério R (org.) História Pública em Movimento. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

espaço museal, as memórias são partilhadas e os objetos provocam interpretações e ganham novos sentidos.

Esse espaço museal traz a sua perspectiva de relação da comunidade holandesa com o município de Arapoti, a qual homogeneiza diferenças étnicas. Nessa mesma direção, ações como o diálogo e a curadoria de profissionais com novos públicos (turistas, escolas, universidades) podem proporcionar ao Museu do Imigrante Holandês de Arapoti novas perguntas aos seus acervos, evitando a sacralização da memória e identificações com o que está exposto. De um espaço de memória em que seus membros formaram as primeiras coleções, o Museu poderá assim se tornar uma referência, um espaço “entre” a história local/regional, convergindo a sua memória em História Pública.

## Fontes

BORG, Jan. [Setembro de 2018]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

BOSCH, Janet. [Março de 2021]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

BRONKHORST, Kolsje. [setembro de 2018]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

BRONKHORST, Kolsje. [Agosto de 2021]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti. Paraná.

## Referências

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. In *Rev. Bras. De Hist.* São Paulo, v. 17, n. 33, 1997, pp. 293-305.

BARROS, Joana S.; CÔRTE, Andrea T.; HADLER, Maria Silvia D.; KOBELINSKI, Michel; LIMA, Livia M. Garcia; ROVAI, Marta G. de Oliveira. Como fazer a história local se tornar pública, e para quem? IN: ALMEIDA, Juniele R., e RODRIGUES, Rogério R (org.) *História Pública em Movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora USP, 2011.

CARSTEN, Aluizio Alfredo. *Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma História de povos sem História*. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, PR: 132p, 2012, p.96

CHAGAS, Mário. Memória política e política da memória. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DUMAS, Fernando e MAUAD, Ana Maria. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidades narrativas. IN. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

FRISCH, Michael. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=pIcWOr22\\_gC&pg=PR20&lpg=PR20&dq=concept+shared+authority&source=bl&ots=omsanpAbjV&sig=v52PUMnyLF1qXXk2GFQe93PrTmc&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwinnJe\\_rajXAhULHpAKHXsyDQgQ6AEIazAI#v=onepage&q=concept%20shared%20auth&f=false](https://books.google.com.br/books?id=pIcWOr22_gC&pg=PR20&lpg=PR20&dq=concept+shared+authority&source=bl&ots=omsanpAbjV&sig=v52PUMnyLF1qXXk2GFQe93PrTmc&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwinnJe_rajXAhULHpAKHXsyDQgQ6AEIazAI#v=onepage&q=concept%20shared%20auth&f=false)  
Acesso em 10/05/2022.

GUARNIERI, Waldisa R. Camargo. Sistema da Museologia. In: BRUNO, Maria Cristina. IPHAN. *Caderno de diretrizes museológicas*. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

KNAUSS, Paulo. Museus para se pensar o presente em perspectiva histórica. In.: CARVALHO, Bruno Leal Pastor e TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (orgs.) *História Pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

LAVERDI, Robson 2021. *15ª Primavera dos Museus do MCG Abertura*, 20 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CtuH5Hfr2M>.

LEMONS, EDILSON. *CAPAL 50 anos de história*. Ponta Grossa-PR: Quero Quero, 2010

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992, pp.200-212.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SEPÚLVEDA, Luciana. Parceria museu e escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, Guaraciara; MARANDINO, Marta; LEAL, Maria

Cristina. *Educação e museu: A construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência*. Rio de Janeiro: Access-editora, 2003.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. In.: *Vestígios* (Revista latino-americana de Arqueologia Histórica): Belo Horizonte, 2014, Volume 8. Número 1.

ZOMER, Ályda Henrietta. *Ideologias e políticas linguísticas em jogo: reflexões sobre discursos acerca de práticas comunicativas na colônia holandesa de Arapoti/PR*. Campinas, SP: 230p., 2020.

ZOMER, Ályda Henrietta. *Narrando (re)negociações culturais: as memórias dos “holandeses” e “brasileiros” de Arapoti/PR*. Campinas: SP [176p.] 2015.

Artigo recebido para publicação em 14/02/2022  
Artigo aprovado para publicação em 03/05/2022